

NOTAS SOLTAS DE NUMISMÁTICA HISPÂNICA (4)

António Marques de FARIA*

Fecha de recepción: 28/08/2023

Fecha de aceptación: 09/11/2023

Resumen

En este artículo, el cuarto de la serie, se recogen algunos apuntes más sobre la numismática hispánica antigua, comentando algunos planteamientos recientes acerca de distintas cecas, haciendo especial hincapié en la epigrafía monetaria.

PALABRAS CLAVE: Antroponimia, Hispania, numismática antigua peninsular

Abstract

In this paper, the fourth in the series, we collect some more notes on ancient Hispanic numismatics, commenting on some recent approaches about different mints, with emphasis on the topic of numismatic epigraphy.

KEYWORDS: Toponymy, Anthroponymy, Hispania, Ancient Coinage, Iberian Peninsula

Baesuri

Ao lermos as linhas que Houten (2022, p. 182) consagrou à ceca de *Baesuris* (Faria, 2006, p. 217), não podemos deixar de experimentar a desagradável sensação de que as mesmas se revelam de muito pouca utilidade. Não faz, no nosso entendimento, qualquer sentido declarar que, nos aversos das moedas cunhadas na dita ceca (presume-se que em todas as moedas: não há qualquer referência a diferentes valores e tipologias), “figura el nombre del magistrado responsable MAN ANET o M ANT, que puede reconstruirse como Marcus Annius Anthius o Antonianus”?

Não conseguimos retirar maior proveito das reflexões que este mesmo investigador expendeu acerca desta ceca noutro trabalho (Houten, 2021, p. 169, n. 105), no qual o nome da cidade em causa ainda surge a espaços como *Aesuris* (Houten, 2021, pp. 32, 34, 169, n. 103).

É nossa profunda convicção que as pesquisas de Houten teriam saído beneficiadas com a leitura de outros trabalhos sobre o tema, designadamente os que constam de um artigo nosso, publicado há alguns anos (Faria, 2006, p. 217).

****PauiPon/Imperatoria Salacia***

Nada se nos oferece dizer sobre as asserções vertidas por Houten (2022, pp. 182, 183) a propósito das cunhagens com legenda indígena emitidas na ceca em questão. Limitar-nos-emos, de qualquer modo, a constatar que Houten (2022, p. 182), além de outra literatura em segunda mão, entendeu por bem citar a página, assumidamente obsoleta (Faria, 1992, pp. 43–44; 1993a, p. 139; Curchin, 2015, pp. 52, 98), que

* Dirección-Geral do Património Cultural (Lisboa). E-mail: afaria@dgpc.pt

Curchin (1990, p. 177) dedicou há mais de trinta anos aos magistrados mencionados nas legendas monetárias de ***PauiPon**.

A propósito da sempre controversa designação da ceca ora analisada, em artigo de recente publicação, vem a mesma referida, sem razão aparente, com o nome de *Bentipo* (Conejo & Pimenta, 2023, p. 93). Foi pena que os autores deste último trabalho se tivessem limitado a recorrer ao *CNH* como obra de referência para o único exemplar, pertencente à ceca em apreço, recolhido no Monte dos Castelinhos (Vila Franca de Xira), enquadrando-o no tipo *CNH* 134:9 (Conejo & Pimenta, 2023, p. 105, n.º 16). Sucede, porém, que a ficha descritiva desta emissão, redigida por Villaronga (*ad CNH* 134:9), afigura-se-nos, em grande medida, incorrecta, designadamente quando este insigne numismata julgou ter identificado uma clava à direita da cabeça masculina gravada no anverso (Faria, 1989, pp. 92, 94, 98; 1992, pp. 39–42; 1994a, p. 122; 2020a, p. 8). Tratando-se, do nosso ponto de vista, de um tridente, há que atribuir a dita efígie a Neptuno, e não a Hércules (*contra*, Villaronga, *ad CNH* 134:9). Cremos que uma adequada limpeza do espécime agora dado a conhecer por Conejo & Pimenta (2023, p. 105, n.º 16) poderá eventualmente determinar qual a correcta leitura do(s) nome(s) do(s) magistrado(s) exibido(s) no anverso: SISVC‘VR’HIL (Faria, 1989, pp. 85–87, 98–99; 1992, pp. 39, 43–44; 1993b, p. 152–153; 1994a, p. 122; 1999, pp. 157–158; 2007, p. 226), no caso de se tratar de um só idiónimo, ou SISVC ‘VR’HIL (< <https://monedaiberica.org/v3/type/979> > [consulta: 23-07-2023]), se estivermos na presença de dois NNP. Há, no entanto, um facto que não é passível de ser desmentido: a transcrição SISVCA[...], perfilhada por Villaronga (*ad CNH* 134:9) e tacitamente caucionada por Conejo & Pimenta (2023, p. 105, n.º 16), não possui o mínimo fundamento.

É descoroçoante constatar que Houten (2022, p. 181) tenha declarado que foi concedido a *Salacia* o direito de cunhar moeda no período imperial, chegando ao extremo de asseverar que são quatro as cidades pertencentes ao *conuentus Pacensis* que “*tienen el permisso Augusti para acuñar monedas: Pax Iulia, Ebora, Salacia y Myrtilis*” (Houten, 2022, p. 183).

PolśCen/PolśCan/*Osca*

De momento, não é nosso propósito retomarmos circunstanciadamente a abordagem a esta polémica legenda monetária (*CNH* 211:1–15), depois da ampla análise que pudemos consagrar à mesma num artigo publicado há poucos anos noutro número desta mesma revista (Faria, 2020a, pp. 9–10).

Nesta oportunidade, interessa-nos tão-somente reiterar (Faria, 2008 [2009], p. 70) que, caso seja **PolśCen** (Rodríguez, 2000, pp. 44, 45, n. 6, 53), e não **PolśCan**, a transliteração correcta da legenda monetária em apreço, não fica de modo nenhum colocada em causa “*la consistente relación entre la leyenda **bolśkan** y el nombre de la ciudad en su versión latina, *Osca* (...)*” (Gorrochategui, 2006, p. 125). *Osca* configuraria sempre uma das possíveis latinizações, tanto de **Bolśca* como de **Bolśce*. Lamentavelmente, o erro cometido por Gorrochategui foi repetido por diversos autores, entre os quais se contam Beltrán & Velaza (2022, p. 118, n. 3). É forçoso reconhecer que, além de continuarem a ignorar os diversos tentames de interpretação da legenda monetária em causa, que compendiámos recentemente (Faria, 2020a, pp. 9–1; 2020b, pp. 18–19), estes dois especialistas ainda não se deram conta das limitações que, naquelas ocasiões, apontámos aos textos que ambos vêm dedicando à ceca em análise.

Já no domínio do anedótico, deparámo-nos recentemente com a defesa da mirabolante hipótese segundo a qual o NL *Huesca* terá provindo, não do NL pré-

romano latinizado por “etimologia popular” *Oscā* (Faria, 2008 [2009], pp. 69–70, com a bibliografia anterior), mas do *nomen Oscius* (Miguel, 2022, p. 257). Na refutação de uma tal ideia — cuja inverosimilhança é susceptível de arruinar a reputação de quem quer que se dedique aos estudos toponímicos —, é ocioso argumentar que, na base de dados *EDCS*, o dito *nomen* conta com nove atestações em todo o Império Romano.

Continuamos a crer na eventualidade de o NL subjacente a **Pol̄sCan/Pol̄sCen** se relacionar com *Bolea* < **Boletum*/**Boleta* < **Bole* (Dolç, 1955, pp. 19–20; Pita, 1956, p. 273; Faria, 2003, pp. 218–219; 2004a, p. 178; 2005a, pp. 275–277; 2008 [2009], pp. 68–69; 2020a, p. 10).

Não obstante, Miguel (2020, p. 183) entendeu por bem opinar que tanto *Bolea* como *Boltaña* remontam a dois NNP, *Volius/Bolus* e *Voltanius*, respectivamente.

***Ipolca/Obulco/iPolCa**

Foi completamente votada ao fracasso a nossa tentativa de vislumbrar algum mérito nas linhas que Simón (2020 [2022], p. 306 e 312, n. 18) consagrou ao NP **urCail**, que, além de figurar em grafia latina como VRCHAIL numa placa de arenito recuperada em *Ilipa* (Alcalá del Río, Sevilha) (*EDCS*-05501091), se encontra documentado na emissão *CNH* 342:8. Entre outras debilidades por nós detectadas neste artigo, não podia deixar de figurar a interpretação de **urCail** como abreviação do imaginário NP ***urCailTu** (Simón, 2020 [2022], p. 312, n. 18), que vem sendo alvitrada há quase meio século (*MLH* I 1, p. 337; *MLH* III 1 § 7.62; Beltrán Lloris, 1993, p. 853; De Hoz, 2010, p. 406; Simón, 2015, p. 338, n. 31; Herrera, 2019a, p. 363; 2019b, p. 109; Ferrer, 2021, p. 84), uma transliteração que demonstrámos estar errada, devendo a mesma ser substituída por **urCailPi** (De Hoz, 1980, p. 314; Faria, 1990–1991, pp. 74, 81; 1991a, pp. 191–192; 1991b, pp. 17–18; 1992, p. 44; 1993b, pp. 154–155; 1994a, p. 123; 1994b, p. 56, n.º 403; 1995a, pp. 85–86; 1995b, pp. 326, 328; 2000a, pp. 140–141; 2000b, pp. 64–65; 2001a, p. 103; 2002b, p. 241; 2003, pp. 226–227; 2004b, p. 300; 2010 [2011], p. 100; 2013, pp. 188, 199–200; 2017, p. 87).

Ao longo de quase três décadas, foram vários os argumentos que aduzimos no sentido de questionar a possibilidade de **urCail**/VRCHAIL constituir um NP ibérico, sendo, por outro lado, praticamente certo que o mesmo não se encontra abreviado em nenhuma das suas atestações (Faria, 1990–1991, pp. 74, 81; 1991a, pp. 191–192; 1991b, pp. 17–18; 1992, p. 44; 1993b, pp. 154–155; 1994a, p. 123; 1994b, p. 56, n.º 403; 1995a, pp. 85–86; 1995b, pp. 326, 328; 2000a, pp. 140–141; 2000b, pp. 64–65; 2001a, p. 103; 2002b, p. 241; 2003, pp. 226–227; 2004b, p. 300; 2010 [2011], p. 100; 2012, p. 104; 2013, p. 188; 2018, p. 123).

Contra uma atribuição linguística ao ibero podemos alegar tanto a designação completa de VRCHAIL (*EDCS*-05501091) — VRCHAIL ATITTA F CHILASVRGVN — como a procedência meridional dos NNP supracitados, aos quais importa agregar VRHELA (*HEp* 2, 336) e SISVCVRHIL (*CNH* 134:9) (Faria, 1992, p. 44; 1993b, pp. 154–155; 2000a, p. 141) ou, eventualmente, VRHIL (< <https://monedaiberica.org/v3/type/979> > [consulta: 23-07-2023]).

Liberalitas Iulia Eborā

Não faz qualquer sentido a alegação, assumida por González Bornay (2016, p. 39), segundo a qual as moedas de *Liberalitas Iulia Eborā* foram emitidas por Públio Carísio, que exerceu o cargo de *legatus Augusti pro praetore* entre 27 e 22 a.C. (Antón, 2019, *passim*). Apontando todos os indícios para a cunhagem dos numismas eborenses

em data não anterior a 12 a.C. (Chaves, 1979, pp. 15, 64; Faria, 2001, pp. 355–356), não podemos deixar de classificar a dita afirmação como um completo despropósito.

A título de mera curiosidade, cumpre-nos assinalar que ainda é possível depararmos-nos com as seguintes considerações a respeito da ceca aqui tratada: “The coin [RPC I, 51] and its reverse inscription celebrate the name that Caesar gave the town in 57 BC when he conquered it, Liberalitas Julia, as well as the original toponym, Eborā” (Roy, 2023, p. 352). Semelhante desconchavo não se afasta muito, no que ao contexto cronológico diz respeito, daquele que havia sido subscrito por González García & Costa Ferrer (2011, p. 378) ao afiançarem que Júlio César fundou *Liberalitas Iulia Eborā* em 59 a.C. Adicionalmente, estes dois autores carregam a agravante de nos terem imputado tão lamentável asserção.

masonsa

Há alguns anos, viemos alvitrar a hipótese de a legenda toponímica em questão, documentada em *CNH* 173:1–2, corresponder a /madonda/ (Faria, 2015, p. 132). Semelhante eventualidade permitiria encarar **Madonda* como matriz do NL *Maluenda*, atestado em Calatayud (Saragoça) e em Blesa (Teruel) (Lozano, 2019, pp. 51–52). *Maluenda* seria assim o resultado da ditongação de /ō/ tónico (Peñarroja, 2008, p. 621) e dissimilação de d_d em l_d: *Maluenda* < **Malonda* < **Madonda*. Convirá assinalar que tal proposta não teve qualquer eco em Jordán (2019, p. 122).

Se, como já notámos (Faria, 2015, p. 132), a proposta de Peñarroja (2008, p. 619) tendente a fazer remontar *Maluenda* ao lat. **Mala Omina* não nos parece procedente, tão-pouco se nos afigura aceitável reportar o dito NL ao NP **Malondus*, tal como preceitua Miguel (2020, p. 285).

Murtilis

É descoroçoante constatar que Houten (2022, p. 181) tenha declarado que foi concedido a *Murtilis* o direito de cunhar moeda no período imperial, chegando ao extremo de asseverar que são quatro as cidades pertencentes ao *conuentus Pacensis* que “tienen el *permisso Augusti* para acuñar monedas: *Pax Iulia, Eborā, Salacia y Myrtillis*” (Houten, 2022, p. 183). A juntar a tudo isto, Houten (2022, p. 183) não hesitou em afirmar que, nas cunhagens de *Murtilis*, “los nombres de los magistrados están abreviados en una sola letra”. Tal afirmação não encontra suporte na realidade, já que são pelo menos dois os magistrados cujos nomes se encontram abreviados por mais de uma letra. Um deles surge identificado como AP DE, L ‘AP’ D[E], L A D E e LAPDE (Faria, 1995c, p. 148), denominando-se o outro L AC ‘MANL’ (Faria, 2006, p. 225), uma transcrição que continuamos a privilegiar em detrimento de L AC ‘MAL’ (Faria, 1995c, p. 149; 2006, p. 225), LACNA (Mataloto & Elliot, 2021, p. 234) ou L AC ‘NA’ (González Bornay, 2022, p. 32).

Sobre as moedas, produzidas nesta mesma ceca, com a representação de uma cabeça masculina no anverso e uma águia no reverso sobre a legenda toponímica, o silêncio de Houten é total.

É nossa profunda convicção que as pesquisas de Houten teriam saído beneficiadas com a leitura de outros trabalhos sobre o tema, designadamente os que constam de um artigo nosso, publicado há alguns anos (Faria, 2006, pp. 224–226).

Não obstante as reservas que se colocam à eventualidade de o topónimo *Murtili* ter alguma vez sido precedido do *cognomentum Iulia* (Vasconcellos, 1901, pp. 85–86; Faria, 1995b, p. 95; 1997a, p. 173; 1999, p. 35; García Alonso, 1995, p. 124; 2003, p.

93), alguns autores persistem em asseverar, desprovidos de quaisquer argumentos, que houve na Lusitânia romana uma cidade denominada *Iulia Myrtilis* (Espanña, 2021, p. 97; Espinosa, 2022, p. 66; Reneses, 2022, p. 141).

orose

Esta legenda toponímica (*MLH* VI, pp. 577–578), gravada em dracmas de imitação emporitana, exhibe o radical ibérico *oros*, seguido do sufixo *-e*, que individualizámos em diversos NNL: **ar**se (Faria, 1995c, p. 325; 2002a, p. 129), ***Au**se (Faria, 1995, p. 325; 2002a, p. 129), **Pel**se (Faria, 2002a, p. 129), **Cel**se (Faria, 1995, p. 325; 2002a, p. 129), **Ces**e (Faria, 2002a, pp. 129, 132; 2002b, p. 235; 2003, p. 215), ***Iga**le (Faria, 2005a, pp. 280, 281; 2005b, p. 164; 2009 [2010], p. 162; 2012, p. 97; 2018 [2019], p. 97; 2021, p. 30), ***Saldub**ie (Faria, 1995, p. 325; 2003, pp. 225–226) e ***Sosine** (Villar & Jordán, 2001, p. 138; Faria, 2009 [2010], p. 162; 2013, pp. 192–193; 2018 [2019], p. 97).

Alguns dos paralelos para a base *oros* já foram compendiados por Silgo (2013, pp. 227–230) e Untermann (*MLH* VI, pp. 577–578), nada obstando a que a mesma ocorra no NP *Orosius*, assim como no corónimo biscainho *Orozco/Orozko* (Silgo, 2013, pp. 228–229), cuja etimologia Martínez Areta (2023, pp. 22–24) julga ter encontrado em **Orobiésco*. A menos que estejamos perante um oicónimo “casa de Orozco” (expressão documentada no século XVI) (González Sánchez, 2008, p. 178 e n. 3; Martínez Areta, 2023, p. 30, n. 35) — circunstância que favorecerá a hipótese inicialmente formulada por Silgo (2013, pp. 228–229) —, *Orozko* entraria no grupo de NNL de cuja formação faria parte o sufixo *-iko* (*-iku*), *-go* (Salaberri, 2011, p. 170; 2016, p. 114): *Orozko* < **Oroziko*. Dada a diferença entre sibilantes, afigura-se-nos bem menos provável que *Orozco/Orozko* proceda do elemento onomástico ibérico *oloś*, que, além de figurar como primeiro membro dos NNP compostos **olośTeCer** (Siles, 1985, p. 280, n.º 1231; Faria, 1990–1991, p. 87; 2022, p. 14; *MLH* V 2, p. 390) e **olośorTin** (Siles, 1985, p. 280, n.º 1232; Faria, 1990–1991, p. 87; 1991, p. 190; *MLH* V 2, p. 390), constitui o radical do NE *Olossitani* < **Olossa* (*MLH* VI, p. 569) ou, preferencialmente, **Olośi*/**Olossi*.

śiCara/*Sigarra

Ferré (2015, p. 99), decerto por ignorância, atribuiu a Ferrer & *alii* (2012, *passim*) a autoria da identificação da ceca ibérica de **śiCara**, por ele erroneamente denominada *sikara*. No entanto, à luz da prévia bibliografia acerca deste assunto (Guerrero, 1993, *passim*; Faria, 1997b, p. 110; 2004, p. 186; 2008 [2009], p. 87), trata-se de uma atribuição totalmente ilegítima. Não foi este, infelizmente, o primeiro autor a noticiar de modo equivocado a descoberta da ceca ibérica de **śiCara**, nem será com certeza o último. Entre os investigadores que assim procederam por reiteradas vezes nos últimos anos, permitimo-nos destacar Ballester.

Efectivamente, apesar de tudo o que já foi escrito acerca da legenda monetária ibérica **śiCara** (Guerrero, 1993, *passim*; Faria, 1997b, p. 110; 2004, p. 186; 2008 [2009], pp. 66, 87; 2012, p. 90; 2013, pp. 203–204; 2015, p. 137; 2016 [2017], pp. 128–129; 2017, p. 88; 2018 [2019], pp. 99–100; Silgo, 2011, p. 324; 2013, pp. 255–256) — toponimização do termo **śigar*, que deu origem, por um processo de harmonia vocálica, ao basco *sagar* ‘maçã / macieira’ (Faria, 2013, pp. 203–204; 2017, p. 88) —, Ballester (2015, pp. 139–140; 2018 [2019], p. 40; 2022, p. 205) não manifestou qualquer hesitação em afirmar que tal legenda só passou a estar documentada a partir de 2012.

Não menos surpreendente é o facto de Ballester (2018 [2019], p. 42; 2022, p. 206) não ter aduzido um só contra-argumento que questione a veracidade da nossa tese, preferindo dissociar o basco *sagar* de **Sigarra* e atribuir a este último NL o significado de ‘prado(s)’ ou ‘grutas’. Há, no entanto, um raciocínio que temos o gosto de partilhar com Ballester (2015, pp. 139–140; 2018 [2019], pp. 40–41; 2022, p. 206): **Sigarra* jamais poderia filiar-se no basco *sagar* (Faria, 2013, pp. 203–204; *contra*, Coromines, 1997, p. 76, Orpustan, 2010, p. 31; Terrado, 2011, p. 144; Silgo, 2013, p. 249).

Por seu lado, García-Bellido (2020, pp. 190, 193) fez duas breves alusões à ceca de **Sigarra*, denominando-a sucessivamente “*sigarra*” e “*Segarra*”. Se a primeira menção (García-Bellido, 2020, p. 190) não foi acompanhada de qualquer referência bibliográfica, na segunda, García-Bellido (2020, p. 193), ao reportar-se às legendas gravadas nas dracmas de imitação emporitana coligidas em *ACIP*, pp. 47–48, incluiu *Segarra* (*sic*) entre os “c. 120 topónimos identificados por L. Villaronga que parecem denominar cidades”. Acontece que Villaronga pouco ou nada tem que ver com este assunto (Faria, 2008 [2009], p. 87), porquanto, em 1998, este numismata ainda admitia a pertinência de duas transliterações alternativas para a legenda ora analisada: SIKARBI e SIKARA (Villaronga, 1998, p. 165).

Bibliografia

- ACIP* = VILLARONGA I GARRIGA, Leandre; BENAGES I OLIVÉ, Jaume (2011) – *Ancient coinage of the Iberian Peninsula: Greek / Punic / Iberian / Roman. Les monedes de l’Edat Antiga a la Península Ibèrica*. Barcelona: Societat Catalana d’Estudis Numismàtics.
- ANTÓN GIL, Enrique (2019) – Publio Carisio. Deductor de la Colonia Augusta Emerita. *Revista de Estudios Extremeños*. 75:2, pp 39–75.
- BALLESTER GÓMEZ, Xaverio (2015) – “Osito”, “Bajo la Ciudad” y demás lúbricas toponimias de más. *Quaderns de Filologia: Estudis Lingüístics*. 20, pp. 123–148.
- BALLESTER GÓMEZ, Xaverio (2018) [2019] – *Segarra*: de l’ibèric i llatí al català i valencià. *Estudios de Lenguas y Epigrafía Antiguas*. 17, pp. 27–54.
- BALLESTER GÓMEZ, Xaverio (2022) – *Peixcant. Estudi’s de l’engua valenciana*. Valencia: 315 Gramos Laboratorio Gráfico.
- BELTRÁN LLORIS, Francisco (1993) – Un nuevo antropónimo vascónico en la comarca de las Cinco Villas (Zaragoza). In *Homenatge a Miquel Tarradell*. Barcelona: Generalitat de Catalunya, pp. 843–858.
- BELTRÁN LLORIS, Francisco; VELAZA FRÍAS, Javier (2022) – Presencia y testimonios lingüísticos itálicos en Hispania: viejas y nuevas evidencias. *Linguarum Varietas*. 11, pp. 111–124.
- CHAVES TRISTÁN, Francisca (1979) – Las cecas hispano-romanas de Eborac, Iulia Traducta y Colonia Romula. *Numisma*. 156–161, pp. 9–91.
- CNH* = VILLARONGA I GARRIGA, Leandre (1994) – *Corpus nummum Hispaniae ante Augusti aetatem*. Madrid: José A. Herrero, S. A.
- CONEJO DELGADO, Noé; PIMENTA, João (2023) – Circulación de moneda en Monte dos Castelinhos (Vila Franca de Xira, Lisboa, Portugal): datos para la monetización de *Lusitania*. *Pyrenae*. 54:2, pp. 81–114.
- COROMINES I VIGNEAUX, Joan (1997) – *Onomasticon Cataloniae: els noms de lloc i noms de persona de totes les terres de llengua catalana, VII: SAL–VE*. Barcelona: Curial Edicions-Caixa d’Estalvis i Pensions de Barcelona “La Caixa”.
- CURCHIN, Leonard A. (1990) – *The local magistrates of Roman Spain*. Toronto: University of Toronto Press.

- CURCHIN, Leonard A. (2015) – *A supplement to The local magistrates of Roman Spain*. Waterloo: Ed. do Autor [livro electrónico].
- DE HOZ BRAVO, Javier (1980) – Crónica de lingüística y epigrafía prerromanas de la Península Ibérica: 1979. *Zephyrus*. 30–31, pp. 299–323.
- DE HOZ BRAVO, Javier (2010) – *Historia lingüística de la Península Ibérica en la antigüedad, I. Preliminares y mundo meridional prerromano*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- DOLÇ I DOLÇ, Miquel (1955) – ¿Una cita altoaragonesa en Marcial? *Argensola*. 6:21, pp. 15–21.
- EDCS = *Epigraphik-Datenbank Clauss / Slaby* < http://db.edcs.eu/epigr/epi_de.php >.
- ESPAÑA CHAMORRO, Sergio (2021) – Unde incipit Baetica. *Los límites de la Baetica y su integración territorial (s. I–III)*. Roma: L’Erma di Bretschneider.
- ESPINOSA ESPINOSA, David (2022) – *Small Latin Towns*. Origen y perfil constitucional de un nuevo modelo urbano provincial creado por Augusto en Hispania. In MATEOS CRUZ, Pedro; OLCINA DOMÉNECH, Manuel; PIZZO, Antonio; SCHATTNER, Thomas G., eds. – *Small Towns, una realidad urbana en la Hispania romana*. Mérida: Instituto de Arqueología, pp. 63–69.
- FARIA, António Marques de (1989) – A numária de **Cantnipo*. *Conimbriga*. 28, pp. 71–99.
- FARIA, António Marques de (1990–1991) – Antropónimos em inscrições hispânicas meridionais. *Portugalia*. Nova série. 11–12, pp. 73–88.
- FARIA, António Marques de (1991a) – [Recensão de] UNTERMANN, J. – *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band III. Die iberischen Inschriften aus Spanien. I. Literaturverzeichnis, Einleitung, Indices. 2. Die Inschriften*. Wiesbaden, Dr. Ludwig Reichert Verlag, 1990. *Conimbriga*. 30, pp. 187–197.
- FARIA, António Marques de (1991b) – Epigrafia monetária meridional. *Conimbriga*. 30, pp. 13–22.
- FARIA, António Marques de (1992) – Ainda sobre o nome pré-romano de Alcácer do Sal. *Vipasca*. 1, pp. 39–48.
- FARIA, António Marques de (1993a) – [Recensão de] CURCHIN, L. A. – *The Local Magistrates of Roman Spain* (Phoenix, Supplementary volume; 28), Toronto: University of Toronto Press, 1990, 275 p. *Vipasca*. 2, pp. 136–140.
- FARIA, António Marques de (1993b) – A propósito do V Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica. *Penélope*. 12, pp. 145–161.
- FARIA, António Marques de (1994a) – [Recensão de] VILLARONGA I GARRIGA, L. – *Corpus Nummum Hispaniae ante Augusti Aetatem*. Madrid, José A. Herrero, S. A., 1994. *Vipasca*. 3, pp. 121–124.
- FARIA, António Marques de (1994b) – Nomes de magistrados em moedas hispânicas. *Portugalia*. Nova Série. 15, pp. 33–60.
- FARIA, António Marques de (1995a) – Novas achegas para o estudo da onomástica ibérica e turdetana. *Vipasca*. 4, pp. 79–88.
- FARIA, António Marques de (1995b) – Algumas notas de onomástica ibérica. *Portugalia*. Nova série. 16, pp. 323–330.
- FARIA, António Marques de (1995c) – Moedas da época romana cunhadas em território actualmente português. In GARCÍA-BELLIDO GARCÍA DE DIEGO, María Paz; CENTENO, Rui Manuel Sobral, eds. – *La moneda hispánica: ciudad y territorio. Actas del I Encuentro Peninsular de Numismática Antigua (Madrid, noviembre 1994)*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, pp. 143–153.

- FARIA, António Marques de (1995c) – Plínio-o-Velho e os estatutos das cidades privilegiadas hispano-romanas localizadas no actual território português. *Vipasca*. 4, pp. 89–99.
- FARIA, António Marques de (1997a) – De novo em torno da fundação de *Pax Iulia*: um exercício de «controversismo». *Vipasca*. 6, pp. 171–185.
- FARIA, António Marques de (1997b) – Apontamentos sobre onomástica paleo-hispânica. *Vipasca*. 6, pp. 105–114.
- FARIA, António Marques de (1999) – Novas notas de onomástica hispânica pré-romana. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 2:1, p. 153–161.
- FARIA, António Marques de (2000a) – Onomástica paleo-hispânica: revisão de algumas leituras e interpretações. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 3:1, pp. 121–151.
- FARIA, António Marques de (2000b) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (1). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 3:2, pp. 61–66.
- FARIA, António Marques de (2001a) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (2). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 4:1, pp. 95–107.
- FARIA, António Marques de (2002a) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (3). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 5:1, pp. 121–146.
- FARIA, António Marques de (2002b) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (4). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 5:2, pp. 233–244.
- FARIA, António Marques de (2003) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (5). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 6:1, pp. 211–234.
- FARIA, António Marques de (2004a) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (8). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 7:2, pp. 175–192.
- FARIA, António Marques de (2004b) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (7): trezentas e cinquenta observações a Jesús Rodríguez Ramos. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 7:1, pp. 273–315.
- FARIA, António Marques de (2005a) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (10). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 8:2, pp. 273–292.
- FARIA, António Marques de (2005b) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (9). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 8:1, pp. 163–175.
- FARIA, António Marques de (2006) – Novas notas historiográficas sobre *Augusta Emerita* e outras cidades hispano-romanas. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 9:2, pp. 211–237.
- FARIA, António Marques de (2007) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (12). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 10:1, pp. 209–238.
- FARIA, António Marques de (2008) [2009] – Crónica de onomástica paleo-hispânica (14). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 11:1, pp. 57–102.
- FARIA, António Marques de (2009) [2010] – Crónica de onomástica paleo-hispânica (16). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 12:2, pp. 157–175.
- FARIA, António Marques de (2010) [2011] – Crónica de onomástica paleo-hispânica (17). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 13, pp. 89–106.
- FARIA, António Marques de (2012) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (19). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 15, pp. 87–112.
- FARIA, António Marques de (2013) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (20). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 16, pp. 187–212.
- FARIA, António Marques de (2015) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (22). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 18, pp. 125–146.
- FARIA, António Marques de (2016) [2017] – Crónica de onomástica paleo-hispânica (25). *Arse*. 50, pp. 109–139.

- FARIA, António Marques de (2017) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (24). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 20, pp. 83–99.
- FARIA, António Marques de (2018) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (26). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 21, pp. 115–130.
- FARIA, António Marques de (2018) [2019] – Crónica de onomástica paleo-hispânica (27). *Estudios de Lenguas y Epigrafía Antiguas*. 17, pp. 75–137.
- FARIA, António Marques de (2020a) – Notas soltas de numismática hispânica (com um apêndice norte-africano). *Hécate*. 7, pp. 1–19.
- FARIA, António Marques de (2020b) – Topónimos e antropónimos em moedas hispânicas: algumas notas historiográficas. In DE FRANCISCO OLMOS, José María; RETAMERO SERRALVO, Félix, eds. – *Homenaje a Josep Pellicer i Bru*. Barcelona: Asociación Numismática Española, pp. 11–27.
- FARIA, António Marques de (2022) – Notas soltas de numismática hispânica (3). *Hécate*. 9, pp. 11–29.
- FERRÉ ANGUIX, Ramon (2015) – *D’Hibera a Dertosa. Ciutat i territori al Baix Ebre entre els segles III a.n.E. i III d.n.E.* Tortosa: Universitat Rovira i Virgili. Departament d’Història i Història de l’Art < <http://hdl.handle.net/10803/386433> >.
- FERRER I JANÉ, Joan (2021) – La escritura turdetana en el contexto de las escrituras paleohispánicas. In MONCUNILL MARTÍ, Noemí; RAMÍREZ SÁNCHEZ, Manuel, eds. – *Aprender la escritura, olvidar la escritura: nuevas perspectivas sobre la historia de la escritura en el Occidente romano*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco, pp. 67–94.
- FERRER I JANÉ, Joan; GARCÍA I RUBERT, David; MORENO MARTÍNEZ, Isabel; TARRADELL FONT, Núria; TURULL I RUBINAT, Albert (2012) – Aportacions al coneixement de la seca ibèrica de *šikaʾa* i de l’origen del topònim Segarra. *Revista d’Arqueologia de Ponent*. 22, pp. 37–58.
- GARCÍA ALONSO, Juan Luis (1995) – *La Geografía de Claudio Ptolomeo y la Península Ibérica*. Salamanca: Universidad (tese de doutoramento em microfichas) (Colección Vitor; 31).
- GARCÍA ALONSO, Juan Luis (2003) – *La Península Ibérica en la Geografía de Claudio Ptolomeo*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco.
- GARCÍA-BELLIDO GARCÍA DE DIEGO, María Paz (2020) – Moneda y geografía étnica de Iberia. In Non sufficit orbis. *Geografía histórica y mítica en la Antigüedad*. Madrid: Dykinson, pp. 189–204.
- GONZÁLEZ BORNAY, José Manuel (2022) – *Monedas hispánicas del Museo Arqueológico Provincial de Badajoz*. Badajoz: Junta de Extremadura Consejería de Cultura, Turismo y Deportes.
- GONZÁLEZ GARCÍA, A. César; COSTA FERRER, Lourdes (2011) – The diachronic study of orientations: Mérida, a case study. In RUGGLES, Clive, L. N., ed. – *Archaeoastronomy and ethnoastronomy: building bridges between cultures: proceedings of the 278th Symposium of the International Astronomical Union and ‘Oxford IX’ International*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 374–381.
- GONZÁLEZ SÁNCHEZ, Juan José (2008) – Emblemática del valle de Orozko (Euzkadi). *Emblemata*. 14, pp. 177–207.
- GUERRERO URIARTE, Antonio (1993) – Una ceca inédita. *El Eco Filatélico y Numismático*. 1001, pp. 43–44.
- HEp* = *Hispania Epigraphica*.

- HERRERA RANDO, Javier (2019a) – Magistrados locales y lenguas indígenas en el Occidente Romano. *Hispania, Galia e Italia* (ss. III a.C.–I d.C.). *Athenaeum*. 107:2, pp. 357–387.
- HERRERA RANDO, Javier (2019b) – *Cultura epigráfica y romanización en la Hispania meridional* (ss. II a.C.–d.C.). Tesis doctoral. Zaragoza: Universidad.
- HOUTEN, Pieter H. A. (2021) – *Urbanisation in Roman Spain and Portugal: Civitates Hispaniae in the Early Empire*. London; New York, NY: Routledge.
- HOUTEN, Pieter H. A. (2022) – Ciudades y latinización: el estudio de caso del *conventus Pacensis*. *Anas*. 35, pp. 175–196.
- JORDÁN CÓLERA, Carlos (2019) – *Lengua y epigrafía celtibéricas*. 2 vols. Zaragoza: Universidad.
- LOZANO ALLUEVA, Francisco Javier (2019²) – *Topónimos del término municipal de Blesa (Teruel)*. 2.^a ed. rev. (2004¹). Blesa (Teruel): Asociación Cultural “El Hocino” < [http://www.blea.info/ToponimiaTerminoBlesa\(FJLA\).pdf](http://www.blea.info/ToponimiaTerminoBlesa(FJLA).pdf) > [consulta: 28-08-2023].
- MARTÍNEZ ARETA, Mikel (2023) – Replications of Gaulish toponyms in Biscay: on the etymologies of *Gorbeia*, *Orobio* and *Orozko*. *Journal of Celtic Linguistics*. 24, pp. 1–34.
- MATALOTO, Rui; ELLIOTT, Alex Michael (2021) – From the *Baetis* to the *Tagus*: traces of warfare in the Alentejo in the late 2nd / early 1st century BC. In PEREIRA, Carlos; ALBUQUERQUE, Pedro; MORILLO CERDÁN, Ángel; FABIÃO, Carlos; CHAVES TRISTÁN, Francisca (2021) – *De Ilipa a Munda. Guerra e conflito no Sul da Hispânia*. Lisboa: Universidade, pp. 225–250.
- MIGUEL BALLESTÍN, Pascual (2015) – *Toponimia mayor de Aragón: ciudades, villas, lugares, aldeas, ríos, montañas y territorios*. Zaragoza: Institución Fernando el Católico; Universidad de Zaragoza; Gara d’Edizions.
- MIGUEL BALLESTÍN, Pascual (2020) – *La toponimia no es un mamífero insectívoro sin importancia*. Zaragoza: Gara d’Edizions.
- MLH I 1 = UNTERMANN, Jürgen (1975) – *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band I: Die Münzlegenden. 1. Text*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MLH III 1 = UNTERMANN, Jürgen (1990) – *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band III: die iberischen Inschriften aus Spanien. 1. Literaturverzeichnis, Einleitung, Indices*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MLH V 2 = MONCUNILL MARTÍ, Noemí; VELAZA FRÍAS, Javier (2019) – *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band V, 2: Lexikon der iberischen Inschriften | Léxico de las inscripciones ibéricas*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MLH VI = UNTERMANN, Jürgen (2018) – *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band VI: die vorrömische einheimische Toponymie des antiken Hispanien*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- ORPUSTAN, Jean-Baptiste (2010) – L’ibère et le basque: recherches et comparaisons < <https://artxiker.ccsd.cnrs.fr/artxibo-00465824> > [consulta: 09-11-2022].
- PEÑARROJA TORREJÓN, Leopoldo (2008) - El romance nativo del Valle del Ebro y de la Frontera Superior de Al-Ándalus. *Aragón en la Edad Media*. 20, pp. 615–634.
- PITA MERCÉ, Rodrigo (1956) – Referencias antiguas de Boltaña y otros valles pirenaicos. *Argensola*. 27, pp. 271–275.
- RENESES, Luís Silva (2022) – *Deducti, traducti: les déplacements de communautés organisés par Rome et en Italie et dans la péninsule ibérique (268-13 av. n.è.)*. Stuttgart: Steiner.

- RODRÍGUEZ RAMOS, Jesús (2000) – Nuevas observaciones de crono-paleografía ibérica levantina. *Archivo Español de Arqueología*. 73, pp. 43–57.
- ROY, Alyson M. (2023) – Exchanging memories: coins, conquest, and resistance in Roman Iberia. In DINTER, Martin T.; GUÉRIN, Charles, eds. - *Cultural memory in republican and Augustan Rome*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 333–354.
- SALABERRI ZARATIEGI, Patxi (2011) – Sobre el sufijo occidental *-ika* y otras cuestiones de toponimia vasca. *Fontes Linguae Vasconum*. 113, pp. 139–176.
- SALABERRI ZARATIEGI, Patxi (2016) – Anthroponyms in Basque toponymy. In HOUGH, Carole; IZDEBSKA, Daria, eds. – *Names and their environment. Proceedings of the 25th International Congress of Onomastic Sciences, Glasgow, 25–29 August 2014. Vol. 2. Toponomastics II*. Glasgow: University of Glasgow, pp. 110–116.
- SILES RUIZ, Jaime (1985) - *Léxico de inscripciones ibéricas*. Madrid: Ministerio de Cultura.
- SILGO GAUCHE, Luis (2011) – Miscelánea ibérica y vasca. *Estudios de Lenguas y Epigrafía Antiguas*. 11, pp. 315–326.
- SILGO GAUCHE, Luis (2013) – *Estudio de toponimia ibérica: la toponimia de las fuentes clásicas, monedas e inscripciones*. Valencia: Vision Libros.
- SIMÓN CORNAGO, Ignacio (2015) – La onomástica de la estela de Illescas (*HEp* 4, n.º 889 = AE 1990, n.º 582). *Emerita*. 83:2, pp. 333–346.
- SIMÓN CORNAGO, Ignacio (2020) [2022] – Comentario a la nueva inscripción latina de Oveja con cuatorviros de nombre ibérico. *Revue Archéologique de Narbonnaise*. 53, pp. 303–316.
- TERRADO PABLO, Javier (2011) – Cataluña y Andorra. In GARCÍA ARIAS, Xosé Lluis; CASANOVA HERRERO, Emili, eds. – *Toponimia hispánica: origen y evolución de nuestros topónimos más importantes*. Paiporta (València): Denes, pp. 121–153.
- VASCONCELLOS, José Leite de (1901) – Les monnaies de la Lusitanie portugaise. *O Archeologo Português*. 6, pp. 81–89.
- VILLAR LIÉBANA, Francisco; JORDÁN CÓLERA, Carlos (2001) – Consideraciones generales sobre el contenido del IV Bronce de Botorrita. In VILLAR LIÉBANA, Francisco; DÍAZ SANZ, María Antonia; MEDRANO MARQUÉS, Manuel María; JORDÁN CÓLERA, Carlos – *El IV Bronce de Botorrita (Contrebia Belaisca): arqueología y lingüística*. Salamanca: Universidad, pp. 133–153.
- VILLARONGA I GARRIGA, Leandre (1998) – *Les dracmes ibèriques i llurs divisors*. Barcelona: Societat Catalana d'Estudis Numismàtics.